

AO MAR GENTE MOÇA!: O ESPORTE COMO MEIO DE INSERÇÃO DA MODERNIDADE NA CIDADE DE NATAL¹

Ms. Márcia Maria Fonseca Marinho²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal, Brasil

marcitamarinho@yahoo.com.br

Recebido em 5 de dezembro de 2008

Aprovado em 22 de março de 2009

Resumo

O século XX foi marcado por rápidas mudanças no estilo de vida, no uso das técnicas e pelas novas descobertas científicas. A força jovem passa a ser o símbolo da mudança nesse século da agilidade. Em Natal, as agremiações esportivas incorporavam os novos valores de juventude e modernidade que passavam a fazer parte da vida da cidade. A população passou a identificar-se com os clubes, formando os coros das torcidas, ocupando a rua em festa nos dias das competições. Desta maneira, o esporte marca uma nova maneira de usar os espaços públicos da cidade.

Palavras-chave: cidade; clubes esportivos; sociabilidade.

Abstract:

To the sea young people!: sport as a means of insertion of modernity in Natal

The XX Century is known by fast changes in people life style, by the use and discovers of new techniques. The young power starts to be the symbol of the change, in these times of agility. In Natal, the sport clubs incorporated the new values of youth and modernity that started to be part of the city's life. The population started feel connected with the clubs, forming the choirs, cheering for the teams, occupying the street in party in the competitions days. This way, the sport turns a new way to use the public spaces of the city.

Keywords: city; sport clubs; sociability.

¹ Esse texto é uma adaptação da dissertação de mestrado *Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na belle époque natalense*. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

² Mestra em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

A passagem do século XVIII para o século XIX no Brasil foi marcada pelas euforias e turbulências políticas típicas da mudança de regime, pela mudança no sistema trabalhista, que passava a substituir a mão de obra escrava por assalariada, e pelo crescimento e reestruturação das principais cidades do país.³ Esse momento de euforia também foi marcado pelo crescimento do consumo de bens industrializados e pelo desejo das elites brasileiras de inserirem-se no mercado mundial, consumindo não apenas os objetos do último vapor⁴, como também os costumes em voga em Paris e Londres.

As elites nacionais ansiavam pelo aclamado progresso, palavra tão glorificada e escrita sempre com inicial maiúscula, o progresso era a representação da superação da natureza pela técnica, pelo engenho humano. Nesse sentido, a modernização das cidades significava dotá-las de estruturas materiais, correspondentes aos padrões tecnológicos desenvolvidos no século XIX. A sociedade burguesa industrial européia proclamava que o desenvolvimento das nações e a melhoria da vida se dariam com a ajuda dos utensílios mecânicos. Essa atribuía um novo sentido à natureza: matéria-prima pronta para ser explorada. Cabia ao homem, então, transformar a paisagem natural em riqueza industrial.⁵

³. Para uma melhor compreensão nos quadros social, econômico e político na passagem da monarquia para a República ver: CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 15- 42.

⁴. As mercadorias importadas chegavam ao país através dos portos por grandes embarcações movidas à vapor, daí a expressão “novidades do último vapor” comumente empregada pelos comerciantes do período em seus reclames publicitários.

⁵. A crença na infinita potencialidade do engenho humano, fortificada durante todo século XX, acaba incentivando o homem moderno a travar uma luta contra a natureza. Vencer, através da técnica, os limites impostos pela natureza foi um desafio comprado pelo mundo industrial. Sobre o conflito técnica x natureza ver: HARDMAN, Francisco Foot. *Trem-fantasma: A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

A cidade passava a ser planejada por urbanistas, que esquadrinharam as cidades dividindo-as em lugar de trabalho, de lazer, de consumo e de moradia, não esquecendo de separar as classes sociais. Para que a ordem idealizada pelos urbanistas se mantivesse na cidade real, podia-se contar com a ajuda de profissionais especializados nos saberes científicos, médicos e pedagógicos em função de um suposto bem-estar social. Inaugurava-se junto com essa cidade seccionada, planejada, ordenada, moderna, uma nova maneira de se relacionar com o espaço público.⁶

Esse modelo de cidade espalhou-se pelo ocidente contagiando as elites do Brasil, inclusive a natalense, com o desejo de modernizar, de inserir-se no contexto de transformações gerado pelo desenvolvimento da medicina, da arquitetura, dos meios de transporte, da indústria. A vontade desse grupo de inserir Natal no contexto de mudanças tecnológicas, econômicas e sociais era alimentada pelo contato que os membros desse grupo tinham com outros centros que viviam intensamente o processo de modernização. As primeiras duas décadas do século XX tornam visíveis as mudanças que viriam marcar o cotidiano da cidade, em especial da sua elite. Instalavam-se novos ritos, novas maneiras de se utilizar os espaços públicos. Inaugurava-se não apenas um novo ritmo de viver na cidade, mas também um novo modo de sonhá-la.⁷

A brisa de modernidade embarcada nos grandes navios a vapor que atravessaram o Atlântico não alterou apenas os ritmos da vida mundana nas cidades brasileiras. Também mudaram as maneiras de se lidar com o tempo, com a velocidade e até mesmo com o corpo.

⁶ SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 166-179.

⁷ ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRRN, 2008. [no prelo].

Incorporando-se ao agitado ritmo de vida das grandes áreas urbanas, as práticas esportivas rapidamente se integraram ao cotidiano dos maiores centros urbanos brasileiros, influenciando principalmente a juventude, que, desafiando seus próprios limites, passou a moldar os seus corpos, tornando-os mais ágeis, mais fortes e mais belos. As agremiações esportivas incorporavam esses novos valores de juventude que passavam a fazer parte da vida da cidade.

No mundo moderno, a credibilidade da ciência era assunto indiscutível. Os mesmos preceitos científicos que reviram o mar e a praia como espaços de convívio saudáveis foram também responsáveis pela formação de um novo olhar sobre o corpo.⁸ Esse aparece nos discursos científicos, já na segunda metade do século XIX, quando muitos entusiastas dos esportes se empenhavam em difundir os benefícios trazidos pelas práticas esportivas. Sempre atentos aos conceitos científicos em discussão na Europa, os intelectuais brasileiros absorviam e adaptavam à realidade brasileira as diversas correntes científicas formadas e difundidas pelo Velho Continente. As Faculdades de Direito do Recife e São Paulo, a Faculdade de Medicina da Bahia, entre outras instituições de cunho científico, eram os maiores difusores do positivismo, naturalismo e evolucionismo no Brasil.⁹

Foi com o propósito de melhoramento da raça e elevação da juventude nacional a padrões raciais cada vez mais próximos dos europeus que se exaltava e se difundia a prática de esportes no Brasil. Seguindo a tendência nacional, a partir da última década do século

⁸. Sobre os múltiplos olhares do homem sobre o mar ver: CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Schwarcz, 1989; ARAÚJO, Rita de Cássia. *As praias e os dias: história social das praias do Recife e Olinda*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.

⁹. Para um olhar mais aprofundado sobre as instituições e pensamento científicos no Brasil do século XIX ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

XIX, as práticas esportivas caíram no gosto das elites natalenses, que via o esporte como uma solução para os vícios e mazelas da sociedade moderna. Ao comentar as ações dos moços do *Sport Club do Natal*, o jornalista *d'República* afirmou:

Nada mais justo do que o appello dos nossos jovens conterraneos dedicados que estão a um movimento sportivo que tanto tem de proveitoso à saude e ao desenvolvimento physico da mocidade, como de necessario á educação civica, base de patriotismo esclarecido e efficiente.¹⁰

Os clubes esportivos intercediam nas atividades de lazer públicas e privadas das elites natalenses. Vemos surgir, no fim do século XIX, o interesse das elites por uma educação física e moral da juventude. As organizações esportivas, no início do século, institucionalizavam e difundiam as práticas esportivas em voga na Europa. Dessa forma, os clubes esportivos foram decisivos na organização das práticas esportivas e na sua difusão no cotidiano de Natal.

As modernas práticas esportivas que surgem entre o século XIX e XX se associam à série de mudanças na estrutura social e cultural da época, como os benefícios do esporte descobertos pela medicina e a aceleração do ritmo de vida e da competitividade nas grandes cidades. A Inglaterra foi o berço de muitos dos esportes modernos, além de ter sido uma grande difusora dessas práticas pelo mundo. Ao esporte estão relacionados muitos valores da nova sociedade de consumo que se formava na Europa, como o culto ao corpo, a valorização das regras, o culto à rapidez e a competitividade.¹¹

¹⁰. A REPUBLICA, Natal, 6 fev. 1917.

¹¹. WEBER, Eugen. *França: fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 259.

Em Natal, as práticas esportivas começam a receber atenção dos intelectuais na década de 1890. No artigo escrito pelo redator d'*A Republica*, que assinava S., sobre as atividades esportivas no Estado, reclama-se das formas de diversão escolhidas pelos seus jovens conterrâneos, que preferiam passar noites em claro, enclausurados nos apertados salões, “respirando pó e fumo de cigarro e charuto, além de outras emanações” em vez de caírem nas águas do rio Potengi na prática da natação ou remo, a exemplo do que acontecia nos rios das grandes cidades da Europa. O cronista ressentia-se da falta de “clubs de rapazes congregados ao fim, tão digno o que mais for, de divertir-se robustecendo os músculos, exercitando os órgãos, armazenando saúde”, e sugeria que moços natalenses seguissem o exemplo do Rio de Janeiro, que por estar em maior contato com os estrangeiros, já havia aderido às práticas esportivas vencendo a “natural indolência característica dos climas quentes.”¹²

Em 1897, quase um mês depois da publicação do artigo de S., foi anunciada no jornal *A Republica* a realização da primeira regata da cidade.¹³ Nessa regata, além da participação de atletas profissionais, estavam presente amadores. Até a década de 1910, a maioria das regatas organizadas na cidade não se destinava a grupos de atletas profissionais, nem mesmo aos sócios de clubes oficiais, o que mostrava o caráter informal dessas competições. A realização da regata, além de divertir os participantes amadores e profissionais, divertia também as pessoas que se reuniam na beira do cais ou em pequenas embarcações às margens do rio a fim de assistirem às competições. Quando essas passaram a ocorrer no espaço público, deram margem a uma outra forma de sociabilidade, que não a

¹². DIVERSÕES populares. *A Republica*, Natal, 27 abr. 1897.

¹³. REGATA, *A Republica*, Natal, 18 maio. 1897.

exercida pelos competidores. As pessoas que se encontravam à beira do cais assistiam, sem sequer levantar um músculo, às competições esportivas nas quais se destacavam os remadores. Esses espectadores são motivados por uma outra lógica, que era a lógica da ação e da saúde que movia os atletas: era a lógica do espetáculo. O esporte para os espectadores, que participam da cena, assistindo, torcendo, viria a se tornar entretenimento. A regata triunfou na cidade por conseguir unir os ideais de força e saúde, característicos da modernidade, com a boa aceitação do público.

Dessa maneira, as práticas esportivas geraram um novo ambiente de sociabilidade na cidade. À medida que os esportes modernos começaram a ser praticados pelas elites locais, novas associações esportivas foram sendo criadas. Esses clubes, além de organizarem os eventos esportivos, permitiam a criação de ambientes que possibilitavam a sociabilidade das elites.

A sociabilidade das elites vinculada às práticas esportivas mostra-se evidente ao observarmos as competições esportivas organizadas pelos clubes. Nessas competições, as associações esportivas proporcionavam aos espectadores, além das provas esportivas, a banda do Batalhão de Segurança tocando nos intervalos, o que sugere um clima festivo na realização desses eventos. Em 1910, Natal contava com várias associações esportivas responsáveis pela organização das competições, como o *Velo-Club-Natal*, o *Derby-Club-Natalense*, *Sport-Club-Natalense*, *Natal-foot-ball-Club*, etc. Como podemos notar, o nome dos clubes esportivos são todos nomes estrangeiros e há uma razão para isso. Além do fato de o nome de muitas práticas esportivas, vigentes no momento, não terem ainda tradução para o português, a referência aos nomes estrangeiros, em especial aos ingleses e franceses,

gera um tipo de proximidade da população natalense com o que se passava na Europa, pois a linguagem também constrói imagens. No caso, o inglês e o francês ajudam a construir a imagem do esportista, já legitimada na Europa. Ao refletir sobre esse novo vocabulário que invadia a língua portuguesa, cada vez com mais frequência, Paudessú-Ricla concluiu:

um novo esperanto, sem doutores Zamenhoffs, ia calmamente e com a graça de Deus, fazendo a sua estradinha triumphal no concerto das linguas: em vez de terminações em *o*, *a* e quejandas para substantivos e adjetivos, o seguinte - para *sport*, palavras inglesas; para moda e assuntos femininos, palavras francezas; para arte, palavras italianas...¹⁴

Os clubes tinham um papel importante na construção dessa nova Natal almejada pelas elites locais, pois através dessas instituições, difundiam-se novas práticas sociais que seriam refletidas nos espaços urbanos. Era nos clubes e nas atividades praticadas neles que os ideais das elites circulavam, que as elites se formavam e se transformavam. Ou seja, à medida que um grupo social, tenta distinguir suas práticas das práticas dos outros grupos, ele está definindo uma configuração social que se reflete na organização dos espaços da cidade.¹⁵

Aos poucos, o entusiasmo dos atletas e treinadores contagiava os habitantes de Natal. A cada ano que se passava, a cidade, parecia ser tomada, de forma mais intensa, pela febre dos esportes. O uso dos discursos médico-higienistas e eugenistas atuaria na cidade com o propósito de entusiasmar os jovens a trocarem seus vícios por uma nova forma de diversão, que resultaria num real envolvimento dos moços na árdua tarefa de treinar o corpo, construir músculos e vencer. No entanto, o lazer e a saúde não foram as únicas

¹⁴. PARTIDA de football. *A Republica*, Natal, 11 jul. 1918.

¹⁵. Para outros exemplos do uso da representação como ferramenta na construção real dos ideais de um grupo ver: CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro.

motivações da juventude para seguir os caminhos do esporte. Algumas instituições, como foi o caso do Exército e das associações de tiro, propunham a junção dos ideais de patriotismo e formação de uma nação forte com as necessidades, que se faziam urgentes aos contemporâneos, de reavivar as forças armadas e recrutar membros de classes mais abastadas para o exército.

As campanhas militares, que já atuavam em todo o país desde o aflorar da República, ampliaram suas áreas de alcance um pouco antes e durante o governo do presidente Hermes da Fonseca (1910-1914), quando foi lançada uma tentativa de regularizar uma lei de alistamento obrigatório, além da campanha salvacionista de 1911.¹⁶ O patriotismo difundido pelos militares queria valer-se do poder restaurador do esporte para unir nos recrutas o vigor da ideologia nacionalista com a força física em prol da pátria. Mas foram as tensões causadas pelos conflitos armados da Primeira Guerra Mundial que intensificaram os argumentos das elites em favor das práticas esportivas. A disciplina, a força física e o patriotismo passaram a ser vistos como atributos indispensáveis à juventude durante esses anos de incertezas. O clima de tensão transpôs o Atlântico e, à medida que os conflitos avançavam na Europa, maiores tornavam-se as preocupações das elites brasileiras em preparar física e psicologicamente jovens capazes de defender a pátria. As preocupações das elites natalenses com a saúde dos corpos e mentes da mocidade são expostas regularmente em artigos de jornais. Em 1916, *A Republica* publicou a seguinte nota:

É sabido que a educação physica preocupa tambem seriamente, hoje, os dirigentes das grandes potencias. A pratica dos sports, por meio dos quaes tem-se a certeza

¹⁶. ARRAIS, Raimundo. *Recife culturas e confrontos: As camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911*. Natal: EDUFRN, 1998. p. 173.

d'uma raça forte no futuro, é seguida e amparada efficazmente pelos poderes publicos dos paizes adiantados.(...) têm elles ministrada nas escolas ou em outros estabelecimentos uma educação physica capaz de tornal-os sadios, aptos portanto a poder ser verdadeiros soldados. Para essa educação physica, procedente e observada nas nações adiantadas, a pratica de sports é o principal factor.¹⁷

Quando não se duvidava mais dos poderes regeneradores do esporte e da sua importância na formação do caráter do indivíduo, o ensino da educação física passou a ser incluído nos programas das escolas públicas como disciplina regular, especialmente nos cursos primários. A implementação da educação física nas escolas demonstra uma atenção e uma preocupação do Estado em usar o esporte como complemento da formação dos cidadãos norte-riograndenses.¹⁸ Essa atenção especial para com os futuros cidadãos republicanos seria intensificada com o surgimento do primeiro grupo de escoteiros de Natal.

O escotismo, aliado aos ideais de saúde e disciplina dos corpos, difundidos pelas associações esportivas, seria responsável pelo desenvolvimento de cidadãos patrióticos e saudáveis, aptos a servir a sociedade desde a infância. A idéia de se criar em Natal uma associação de escoteiros no Estado surgiu em 1916. À frente dessa idéia, estavam intelectuais como Henrique Castriciano, Luiz Soares e Manuel Dantas. O escotismo deveria proporcionar aos membros mais jovens das elites uma educação moral, física e cívica. Com a criação do primeiro grupo de escoteiros da cidade, a Associação de Escoteiros do Alecrim, em 1917, respondeu-se a alguns anseios das elites natalenses, que demonstrava preocupação com o futuro da nação, caso o Brasil se envolvesse em uma guerra. Portanto, o

¹⁷. NOTAS sportivas, *A Republica*, Natal, 19 set. 1916.

¹⁸. MENSAGEM do Presidente de Província 1894, S 5-4.

envolvimento do Brasil na Primeira Guerra Mundial causou alvoroço na imprensa local, multiplicando-se os apelos pela educação moral e física dos jovens natalenses. Em 1917, quando o país entrou oficialmente no conflito, um grupo de jovens natalenses reuniu-se no Atheneu no intuito de montar um clube de tiro. O *Tiro de Guerra* foi bem recebido pela sociedade, que considerava a fundação do clube uma “patriótica idéia [que] tem encontrado a solidariedade dos nossos jovens conterrâneos que, compreendendo a gravidade do momento que atravessa paiz, irão alistar-se no batalhão de atiradores dispostos a um cuidadoso preparo no manejo das armas.”¹⁹ A criação da associação de escoteiros em 1916 e a fundação do Tiro de Guerra natalense em 1917 refletem as preocupações das elites com a segurança nacional.

A formação do homem moral e fisicamente forte era uma preocupação que motivava as associações esportivas e as elites. Porém, outros motivos também impulsionavam a prática de atividades físicas na cidade. O esporte, nesse período, ainda era uma prática amadora e a reunião de sócios nos treinos e competições era mais uma forma de lazer oferecida às elites. A competitividade dos jogos e a disputa entre os times não ficavam restritas apenas aos sócios e esportistas. As emoções do jogo expandiam as fronteiras dos clubes e se espalhavam pelas torcidas da cidade.

A nova febre urbana

Com o adentrar do século XX, os saberes médicos redobravam suas preocupações e clamavam, com mais ímpeto a cada tentativa, pela regeneração da raça que se degradava no

¹⁹. A REPUBLICA, Natal, 10 nov. 1917.

campo pela falta de higiene, e nas cidades pela ausência de atividades físicas. Os apelos dos médicos aliados ao sentimento de patriotismo, despertado nos brasileiros por uma guerra além-mar, eclodiram num verdadeiro modismo em favor dos esportes. As cidades eram, por excelência, o palco dos grandes torneios de esporte e coube à juventude a responsabilidade de construir com seus próprios corpos uma nova raça, melhorada, livre das degradações físicas, como a sífilis, que marcaram fisicamente os homens e mulheres das gerações anteriores.

No ano de 1920, uma conferência realizada no salão nobre do *Natal Club*, pelo Dr. Chistovam Dantas, teve como temática *A eugenia e o aperfeiçoamento da raça*. A palestra repercutiu por quase uma semana na primeira página d'*A República*. A audiência, segundo o jornal, lotou o salão e o discurso sobre a importância da eugenia parecia interessar muitos membros das elites natalenses. Ao comentar a frequência da conferência, o jornal destacava que “além de diversas famílias das mais distintas de Natal, compareceram o representante do Estado, médicos, magistrados, professores e muitos dos que entre nós se interessam pelo futuro e aperfeiçoamento de nossa raça.”²⁰ Ao comentar a importância da eugenia para conquista da ‘geração forte’, o conferencista Chritovam Dantas acrescentou: “Assiste-nos o dever incontroverso de prepararmos uma geração forte, limpa de taras hereditárias trabalhando para a conquista de um posto sublimado.”²¹ O aperfeiçoamento da raça, segundo os preceitos eugênicos difundidos em Natal em conferências, concursos de beleza e reportagens, era um dever a ser cumprido por todos os cidadãos, desde o governo do Estado e das associações esportivas responsáveis pela educação moral e física das crianças

²⁰. A CONFERENCIA de Christovam Dantas. *A Republica*, Natal, 5 jan. 1920.

²¹. A EUGENIA e o aperfeiçoamento da raça. *A Republica*, Natal, 9 jan. 1920.

e jovens, às mães de família, que deveriam arcar com o patriótico dever de “cuidarem com carinho da educação de seus filhos, porque o papel mais importante na formação de uma nacionalidade forte pela saúde e moralidade de seus filhos, pertencia inegavelmente à mulher desempenhar.”²²

Aos olhos dos especialistas, os anos 1920 demonstravam que os frutos de uma educação esportiva começavam a ser colhidos. A aliança dos esportes com a eugenia e a higiene era a solução encontrada pelos cientistas. Somente a união dessas três práticas teria o poder de restaurar as massas no país.

A eugenia apontava os esportes como uma solução para o que se acreditava ser um dos maiores problemas do país, a degeneração da raça, causada pelos muitos processos de miscigenação ocorridos ao longo dos quatro últimos séculos no Brasil. Em janeiro de 1920, um cronista, ao comparar duas épocas, mostrou-se entusiasmado com as visíveis mudanças de hábitos incorporados pela juventude natalense, citando Natal como um exemplo característico do poder do esporte:

Quando parti, ha seis annos (...) Natal dormia o seu somno sepulchral e com elle a mocidade, anemica, lymfatica, prostrada no leito da degenerescencia physica e moral. Hoje, volto. E que transfiguração! A juventude é outra, outra a concepção da vida. As sociedades esportivas irradiam a um tempo a luz calma das alegrias fecundas e a fascinação dos corpos esbeltos e robustos. Ama-se a energia physica não apenas como um estímulo para exercita e a iniciativa nos adolescentes, para dar-lhes um sentimento vivo de sua personalidade e de sua dignidade pessoal, mas também porque, sem ella, se esterilizam a vontade e a intelligencia.²³

Na opinião do cronista os jovens haviam transformado corpos raquíticos e franzinos em corpos musculosos, fortes e saudáveis. A estética corporal mudara como também

²². A CONFERENCIA de Christovam Dantas. *A Republica*, Natal, 5 jan. 1920.

²³. A EUGENIA e o aperfeiçoamento da raça. *Republica*, Natal, 9 jan. 1920.

mudaram as práticas, as maneiras de lidar com o corpo. A década de 1920 exaltava o corpo e, nesse período, um novo discurso apelava para a necessidade da prática de exercícios. Os jovens não demoraram a se deixar envolver pelos ideais esportivos e, logo, competiam nas quadras e nos rios, torciam e hasteavam as bandeiras de seus clubes favoritos. O esporte nos anos 1920 era um fenômeno urbano, que gerou moda e mudou a rotina das cidades.²⁴

Os esportes ganhavam espaços nas colunas de jornal à medida que ganhavam prestígio na cidade. No jornal *A Republica*, as notas sobre os jogos saíam das sessões de notas “Várias” ganhando o seu espaço próprio na primeira página do jornal. A coluna “Desporto” atesta diariamente a energia e vibração que o esporte espalhava pelos habitantes da cidade.

A aura de entusiasmo esportivo que circundava a cidade só seria possível graças ao esforço de alguns membros das elites, que se mostraram grandes entusiastas das práticas esportivas entre os jovens. Foi decisiva a determinação e o fôlego de voluntários como Henrique Castriciano, Leite Ribeiro, Manuel Dantas e Luiz Soares, que trabalharam em prol da divulgação, instrução, financiamento e incentivo dos esportes na capital.

As práticas esportivas modernas diferem-se das antigas brincadeiras de rua por instituir espaços e regras às práticas relacionadas ao esporte. Os clubes e associações esportivas, neste caso, têm um papel fundamental. Eles definem os espaços destinados às práticas esportivas na cidade e selecionam entre os seus sócios os esportistas competidores. A prática do esporte moderno é institucionalizada, sujeita a regras e a um espaço propício.

²⁴. SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu estático na metrópole*: São Paulo sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 60.

No entanto, havia maneiras de escapar das regras e imposições das elites. Como mostra, indignado, o redator d'*A Republica*:

A policia tem por mais de uma vez prohibido o jogo de "foot ball" por alguns meninos desocupados que procuram as ruas publicas para esse genero sportivo. Apezar disto, esses pequenos continúam a tanger a bola onde bem lhes convem, fazendo-se portanto necessaria uma medida mais energica afim de acabar de vez com semelhante abuso.²⁵

Em Natal, salvo as devidas proporções, acontece o mesmo processo de especialização nas práticas esportivas que ocorreu na Europa. Um dos exemplos é a construção do *Prado Natalense*, em 1909. Construído no mais novo bairro da cidade, A Cidade Nova, o Prado dotava a cidade de um lugar específico para a criação e corrida de cavalos. As corridas de cavalos não eram uma novidade para os natalenses. As chamadas cavaladas eram práticas comuns, mas somente na virada do século aparece, entre os cavaleiros potiguares, a preocupação com a regulamentação das competições. Em 1900, deu-se a corrida inaugural do *Derby-Club Natalense*, clube que deveria promover não apenas as corridas, mas que se dedicaria ao desenvolvimento e aperfeiçoamento da raça cavalar.²⁶ Em geral, as corridas, ou cavaladas tomavam lugar nas ruas e avenidas da cidade, como nos conta um cronista, em 1903:

Hontem, à tarde na rua visconde do Rio Branco um, grupo de amadores, sob a direcção do camp. Fausto Leiros, realizou as annunciadas cavalladas. (...) Na falta de outras devemos cultivar essas festas, que alem da distracção commoda e barata á nossa gente, que gosa por ai da fama de tristonha e macambusia, servem para concervar as nossas tradições populares.²⁷

²⁵. VARIAS. *A Republica*, Natal, 5 nov. 1917.

²⁶. DERBY-CLUB natalense. *A Republica*, Natal, 29 mar. 1900.

²⁷. A REPUBLICA, Natal, 13 abr. 1903.

Como podemos perceber, as cavaladas ainda traziam consigo fortes traços da cultura popular que não contrariavam o ideal de diversão buscado pelas elites. Essa falta de ímpeto da sociedade natalense em adotar os novos hábitos civilizados causaria no cronista um sentimento de resignação, que transparece em seu discurso ao comentar que na falta das distrações civilizadas, era preciso contenta-se com as brincadeiras feitas na rua.

Em 1906, fundou-se em Natal um novo clube dedicado ao desenvolvimento das corridas de cavalos em Natal. O *Sport Club Natalense* iniciou sua organização com 12.000 réis em ações. Este clube tinha por fim, “além de outros jogos esportivos, promover por meio de corridas e pela propaganda escrita o aperfeiçoamento da raça cavallar.”²⁸ No fim da década de 1900, o Sport Club Natalense deu início à construção de uma pista de corrida, que ficou conhecida como *Prado Natalense*. A construção do Prado tornou possível e aspiração das elites locais de transformar a popular cavalada num esporte respeitado.

Quando o Prado foi inaugurado, um novo quadro se mostrou no que diz respeito às corridas de cavalos, pois o Prado era um espaço dedicado com exclusividade à criação e corrida de cavalos, o que condiz com a imagem da cidade moderna, na qual cada prática devia ter seu lugar específico. Desta forma, as corridas não mais deveriam acontecer nas ruas da cidade. Uma outra relação travava-se entre o expectador e o espetáculo. Antes, o público poderia assistir às corridas das janelas das suas casas ou nas calçadas das avenidas; agora, teria que se deslocar de bonde até a Cidade Nova, comprar uma entrada, envergar a vestimenta adequada e se comportar civilizadamente, sem cometer excessos.

²⁸. SPORT Club Natalense. *A Republica*, Natal, 27 dez. 1906.

Obedecendo à mesma lógica dos clubes, o associado do *Prado Natalense* deveria obedecer a um regimento interno, que regulamentaria as ações dos sócios e do público em geral. Logo no primeiro artigo do regimento, limitava-se a entrada aos que portassem os “bilhetes de ingresso distribuídos aos accionistas, que serão os unicos admittidos a assistirem os ensaios, além dos proprietários de animais, dos jockeys e tratadores”.²⁹ A cobrança de entradas inibia a presença de populares, e com isso criavam-se espaços de sociabilidade excludentes.

As corridas realizadas no Prado recebiam um público composto por famílias e cavalheiros. Na possível intenção de atrair mais famílias, e não apenas senhores e rapazes, o *Sport Club Natalense* oferecia entrada franca às mulheres.³⁰ Ainda comentando a frequência das corridas, o redator d’*A Republica* escreveu:

realizou hontem com numerosa e selecta assistência a corrida anunciada o *Sport Club Natalense* Havia nas archibancadas grande números de senhoras e cavalheiros de nossa elite social dando á esplendida diversão da sympathica sociedade um cunho de alta distinção.³¹

O destaque dado ao caráter seletivo da assistência confirma algumas suspeitas levantadas anteriormente: a de que havia uma preocupação de certos grupos de criar no Prado um espaço de convivência restrito. E, assim, como em muitos espaços de sociabilidade que se inauguravam nos bairros mais afastados da cidade, foi fundamental a presença do bonde como um meio de transporte eficiente, responsável pela expansão efetiva da cidade. Não seria simples coincidência a inauguração do Prado Natalense ter-se

²⁹. REGIMENTO interno do Prado Natalense. *A Republica*, Natal, 18 maio 1909.

³⁰. A REPUBLICA, Natal, 3 fev. 1909.

³¹. NOTAS sportivas. *A Republica*, Natal, 2 mar. 1909.

dado no mesmo ano em que foi inaugurado o bonde de tração a burro. A companhia de bondes enviava bondes a cada 20 minutos para o Prado em dias de corrida. Após a construção do Prado no bairro Cidade Nova, é comum encontrar referências que substituem o nome do bairro de *Cidade Nova* por *Prado*, de modo que o nome da atividade de práticas se sobrepunha ao nome oficial do bairro.

Ao mar, gente moça!

Os esportes aquáticos apostavam na junção do lazer e bem-estar proporcionados pela prática de exercícios físicos. Em Natal, duas associações esportivas promoviam competições no rio e nas praias que cercavam a cidade. As provas disputadas de natação, remo e *water polo* não eram festas apenas dos atletas. Os convites se estendiam às famílias dos sócios, que acompanhavam as competições ao som da banda do Batalhão.³² Em 1916, *A Republica* afirmou que aproximadamente 200 jovens natalenses dedicam-se à prática de esportes marítimos.³³ Com os clubes náuticos e os estuários, a praia e o rio se consolidavam como ambientes de lazer para as elites natalenses.

Desde a última década do século XIX, havia registros da prática do remo no estuário Potengy. Ao comentar a primeira prova realizada no rio Potengy, em 1897, o redator d'*A Republica* destaca o aspecto festivo que se irradiava pelas margens do rio, confirmado pelos

³². A REPUBLICA, Natal, 11 ago. 1916.

³³. NOTAS sportivas. *A Republica*, Natal, 19 set. 1916.

sorrisos da platéia, o que fez o cronista acreditar que estava diante de um novo gênero de diversão que desembarcava na cidade.³⁴

Os esportes modernos conquistaram os aplausos e a admiração de muitos atletas e entusiastas. Mas as novas diversões não implicavam numa rápida substituição das antigas brincadeiras de rua. Havia um período de transição entre o novo e o tradicional, e a velocidade da mudança dependia do empenho dos grupos influentes em discursar a favor do novo, ou das ações dos dirigentes no sentido de regulamentar as novas práticas. Algumas práticas tradicionais, por já não corresponderem às aspirações das elites, acabavam sendo taxadas, por esse grupo, como “práticas impróprias”, não cabíveis numa cidade que desejava progredir. A população, no entanto, não acompanhava as mudanças na mesma velocidade em que elas se instalavam, de modo que era comum a convivência entre o novo e o velho, por mais que fossem de encontro aos discursos de civilidade e progresso e acabassem surpreendendo alguns contemporâneos, como o autor da passagem abaixo, publicada no jornal *A República* em 1897:

Depois de regatas, prados, concertos... pau de sebo! Eu pensava que esse divertimento rês tivesse cahido em exercícios findos, mas qual! Elle hoje ergue-se, desafiando o entusiasmo dos trepadores, na rua Silva Jardim.³⁵

O tom de desprezo em relação às brincadeiras populares costumava vir seguido de exaltações aos novos divertimentos, que, supunham os críticos, seriam mais adequados a uma cidade que desejava civilizar-se.

³⁴. REGATA. *A Republica*, Natal, 18 maio 1897.

³⁵. INSTANTANEA. *A Republica*, Natal, 13 jun. 1897.

Como foi visto, as provas náuticas já movimentavam a vida social em torno do estuário Potengy nos últimos anos do século XIX. Só em 1915, foi fundado o primeiro clube náutico de Natal: o *Centro Náutico Potengy* e, como não há competição sem adversários, não demorou a surgir o *Sport Club do Natal*.

A inauguração dos clubes náuticos desenhava o início de um quadro que começava a se consolidar na cidade. Na primeira década do século XX, os esportes da cidade eram coordenados por clubes esportivos gerais, que organizavam as várias atividades esportivas, como o *Sport Club Natalense*. Essa ampla gama de esportes, coordenados por um único clube, passou a dar lugar a um outro tipo de associação esportiva, com clubes mais específicos, voltados para um número cada vez mais restrito de esportes. Esse era o caso dos *Sport Club do Natal* e do *Centro Náutico Potengy*.

Essas associações estavam de acordo com todo o discurso médico higienista pregado pelos homens de ciência. O culto ao corpo virava rotina para os jovens, e em pouco tempo a fisionomia do rio mudou. Essa nova paisagem que surgia no Potengy não escapou aos olhos do tenente Leite Ribeiro, fundador do *Centro Náutico Potengy*:

É por certo um agradável e consolador espectáculo a contemplação do estuário do Potengy nas manhãs dos domingos. Cerca de quinze embarcações, grandes e pequenas, cruzam incessantemente as águas mansas do rio, tripuladas pelos cultores do "rowing".³⁶

O culto ao físico não foi o único princípio dos clubes esportivos. Estas associações interferiam na vida da cidade de diferentes modos. No carnaval, por exemplo, não era incomum encontrar atletas e sócios empenhados em organizar festas ou pontos de parada

³⁶. NOTAS sportivas. *A Republica*, Natal, 19 set. 1916.

das bandas marciais em suas sedes, como o Baile do Carnavalesco organizado pelo Centro Náutico em 1923. Ao comentar a festa organizada pelos atletas, o jornalista *d'A Republica* anunciou: “sabemos que uma grande comissão constituída por elementos de alto commercio da Ribeira, com o concurso de rapazes do “Centro Nautico potengy”, acaba de tomar a frente dos festejos carnavalescos a serem realizados na Avenida Tavares de Lyra.”³⁷

Outra quebra de rotina proporcionada aos sócios dos clubes náuticos eram os passeios de lancha e piqueniques, organizados pelos clubes, que geralmente tomavam lugar nas praias e subúrbios da cidade. Em 1916, o *Sport Club do Natal* organizou um desses eventos: tratava-se de um passeio fluvial de lancha até Macahyba, terminando o passeio em uma festa na vizinha cidade para os sócios e seus familiares.³⁸

A manutenção dos clubes requeria uma soma considerável de dinheiro, e quanto maior a estrutura física do clube, maiores os gastos envolvidos. Ao mencionar as dificuldades vividas pelos clubes, Ribeiro desabafava e pedia maior incentivo ao esporte, indispensável ao progresso dos clubes esportivos, já que “a contribuição mensal dos socios é diminuta e tem applicação obrigatoria no pagamento de aluguel de casa, agua, luz, empregados etc.”³⁹ Desta forma, as confraternizações organizadas pelos clubes, além de promover a diversão dos sócios, permitiam a arrecadação de recursos para essas mesmas associações. Foi o caso do festival de cinema, num sábado de agosto em 1916, organizado pelo *Clube Náutico Potengy*, em parceria com o *Cinema-Royal*. Naquele sábado, parte da

³⁷. CARNAVAL. *A Republica*, Natal, 28 jan. 1923.

³⁸. VARIAS. *A Republica*, Natal, 16 set. 1916.

³⁹. NOTAS sportivas. *A Republica*, Natal, 19 set. 1916.

bilheteria recolhida pelo cinema ajudaria na finalização das obras de construção da sua sede.⁴⁰ Além dos festivais, piqueniques e competições, os bailes e jantares marcavam fortemente a vida dos clubes esportivos.

Os bailes e confraternizações tinham lugar tanto na sede social do clube quanto em outros espaços de sociabilidade, dependendo da importância do evento. A chegada do time de remo do *Sport Club do Recife* em Natal foi motivo para uma grande *soirée*, promovida pelo *Centro Náutico* no *Aero Club*.⁴¹ Em 1921, uma outra comemoração levou os sócios do clube ao restaurante do Hotel Internacional,⁴² o que indica que as relações de companheirismo e amizade dos sócios não estavam restritas à sede do clube ou aos lugares destinados às competições e treinos. De fato, os mesmos membros das elites que compunham os clubes esportivos eram sócios de outros grêmios e associações, como o *Natal-Club* e, também, freqüentadores dos espaços de sociabilidade das elites, restaurantes, praças, teatros e cafés.

Em 1918, numa festa em homenagem ao editor-chefe da *Republica*, Eloy de Souza, foi anunciado o esboço de uma nova instituição esportiva que viria a renovar o quadro esportivo natalense. Tratava-se do regimento de dois clubes náuticos da cidade sob as normas de uma instituição superior, que seria responsável pela organização e coordenação das competições oficiais de remo e natação, além de mediar possíveis conflitos entre os clubes. O novo *Conselho Superior dos Sportes Náuticos*, tão aplaudido por intelectuais e desportistas, alterava as regras da conduta esportiva dos clubes, padronizando-os, criando

⁴⁰. VARIAS. *A Republica*, Natal, 1 ago. 1916.

⁴¹. VARIAS. *A Republica*, Natal, 7 maio 1929.

⁴². VARIAS. *A Republica*, Natal, 9 out. 1921.

limites, obrigações e normas que deveriam ser seguidas. Deste modo, as associações de esportes náuticos passaram a ter seus eventos formalizados por uma outra instituição. A festejada união dos clubes teve lugar em um outro espaço de sociabilidade, muito prezado pelas elites locais, o famoso *Natal Club*.⁴³

A proposta lançada por Eloy de Souza parece ter produzido bons frutos. À medida que adentramos nos anos de 1920, mais percebemos um aumento da articulação entre os clubes e o conselho. O sucesso do *Conselho Superior de Sportes Náuticos* inspirou muitos amantes do esporte a lutarem pela implementação de uma instituição semelhante que viesse a coordenar os esportes terrestres em Natal. A idéia pareceu sensata pois, ao que indicava ela funcionava muito bem com os esportes náuticos. No entanto, essa idéia encontrou resistência de alguns clubes de futebol, que argumentavam que a formação de uma liga desportiva traria limitações às associações. Ao contrário do que pensavam os dirigentes dos clubes de futebol, o tenente Leite Ribeiro defende entusiasmadamente, na página esportivas d'*A Republica*, a organização do futebol natalense, criticando qualquer posição contrária:

Os clubs não se querem sujeitar á formação d'uma Liga porque essa certamente lhes dará obrigação e elles querem ser "independentes" muito embora essa "independencia", que se manifesta principalmente pela não selecção dos elementos, constitua o maior impecilio ai progresso real do sport.

Aqui, o tenente Ribeiro levantava uma questão importante. Ao mencionar a resistência dos clubes de futebol, ele indicava uma postura amadora adotada por esses clubes, que não se sentiam confortáveis com os padrões profissionais, os quais nessa década começavam a ser implementados no Brasil. O que levava o tenente a concluir que

⁴³. OS CLUBES de regatas promoveram hontem, brilhante manifestação ao senador Eloy de Souza. *A Republica*, Natal, 6 mar. 1918.

enquanto as normas profissionais não se estabelecessem, o futebol local estaria impedido de crescer. Na opinião de Ribeiro, a criação de uma liga esportiva não só organizaria o futebol de Natal, como também contribuiria para a educação dos torcedores. A rivalidade entre os times locais, apontada pelo autor como ‘clubismo’, traria consigo muitos aspectos pouco honrosos pois,

quando um desses clubs mede força com outro de fóra, como presentemente se tem verificado, os sócios dos outros clubs locais, ‘torcem’ contra seus congêneres, na demonstração mais positiva da rivalidade, da falta de união e da pouca educação esportiva do meio.

Para isso é preciso unicamente que, á testa dessas sociedades, estejam verdadeiros ‘sportmen’, desses que não vejam, por exemplo, sem constrangimento, apresentarem-se em campo, para medir forças com um competidor estranho, jogadores desuniformizados e até descalços...⁴⁴

Novamente, a falta de profissionalismo dos times era apontada como um agravante, um empecilho à evolução do esporte local. Desta vez a crítica aos dirigentes era precisa: só verdadeiros *sportmans* seriam capazes de enxergar a importância da liga esportiva. Percorrer esse artigo nos leva a considerar esse tipo de instituição como algo multifuncional, sendo ela normatizadora, mediadora, organizadora e educadora.

O apelo pela formação de um conselho superior de futebol foi atendido pelos dirigentes dos clubes, ainda nesse mesmo ano de 1918, com a fundação da *Liga Desportos Terrestres*, sob a presidência do Dr. Potygar Fernandes. Não demorou para que a gerência da Liga agisse. Poucos meses depois da sua criação, já se tinha organizado um campo de futebol, no bairro do Tyrol, e um campeonato interclubes.

Assim como o *Conselho Superior dos Sports Náuticos*, a *Liga de Desportos Terrestres* agia no sentido de organizar competições, delegar normas, intermediar intrigas e

⁴⁴. NOTAS sportivas. *A Republica*, Natal. 20 jun. 1918.

medidas para educar o público. Esse prezar pela ordem fazia com que os dirigentes dessas instituições se encarregassem dos mínimos detalhes, como o cuidado do Dr. Fernandes pedindo publicamente ao Sr. Américo Gentil, proprietário da empresa Tração Força e Luz, o aumento do número de carros com destino ao Tyrol nos dias de jogos do campeonato. A vida esportiva na cidade indiretamente exercia uma pressão sobre as organizações do transporte público, fundamental para a união dos bairros e expansão da malha urbana, mas que, segundo as reclamações registradas nos jornais, muitas vezes era deficiente.⁴⁵

Por mais que estivessem a caminho de uma profissionalização, os clubes ainda eram sociedades amadoras. E para ser atleta do clube e honrar suas cores nas competições não bastava só o amor à camisa. Aos sócios jogadores estavam previstos a lealdade ao clube e o pagamento regular de suas mensalidades. E quando essas obrigações não eram cumpridas, cabia aos dirigentes dos clubes tomarem providências, de modo que a não efetuação do pagamento das mensalidades pelos sócios jogadores implicava, no geral, em expulsão do clube. Foi o que aconteceu em 1923, com um atleta do *Sport Club*, que foi eliminado por falta de pagamento. A expulsão que deveria ter terminado com o problema do *Sport*, acabou iniciando uma querela esportiva entre os clubes náuticos da cidade pois, tendo em vista as habilidades do rapaz, os dirigentes do *Centro Náutico* procuraram incorporar o ex-remador do *Sport* a sua equipe. Quando os dirigentes do *Sport* descobriram as pretensões do seu rival, não ficaram muito contentes. Para expressar a sua discordância, e apelar pelo impedimento do remador de competir pela equipe adversária na corrida de 7 setembro, o *Sport* recorreu ao *Conselho Náutico Superior*.

⁴⁵. CAMPEONATO 1918. *A Republica*, Natal, 14 set. 1918.

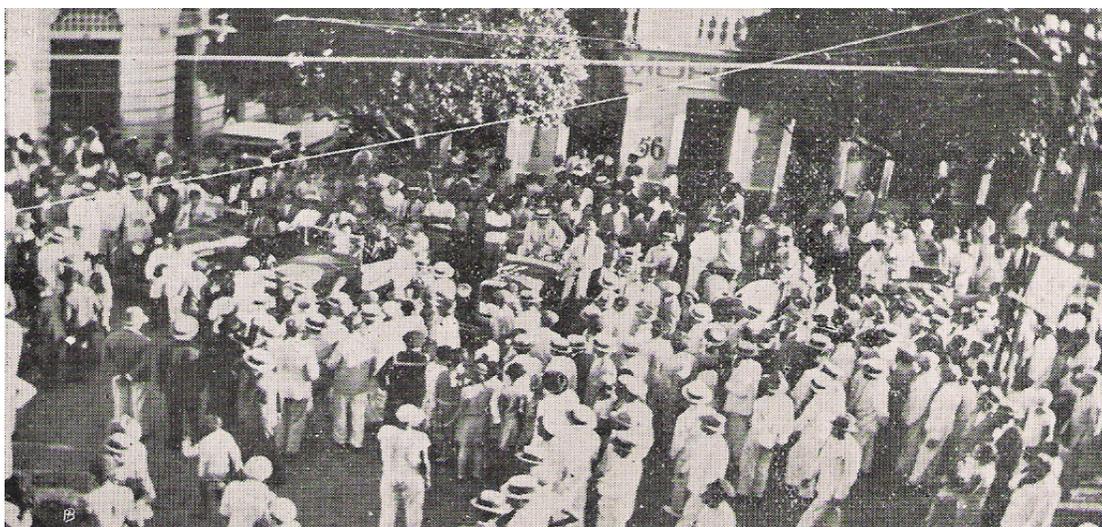
No pensamento do diretor do Centro Náutico, o tenente Leite Ribeiro, não haveria motivos para desentendimentos pois, no seu julgamento, as negociações não feriam nenhuma norma.⁴⁶ Todavia, ele anunciava que, qual fosse a decisão do conselho, não haveria desarmonia, pois ambos os clubes saberiam acatar a decisão tomada. O papel do conselho, nesse caso mostrou-se decisivo. A centralização das regras em um órgão superior seria essencial para que as pequenas querelas não acabassem desarticulando as relações interclubes. A subordinação dos esportes náuticos e terrestres a um conselho superior tornou possível uma maior estruturação dos clubes, que caminhavam, nos anos 1920, rumo a uma profissionalização.

Muitos esportes que surgiram na Inglaterra, na segunda metade do século XIX, assumiam uma postura educadora, disciplinadora. Nas escolas, o futebol funcionava como um construtor de uma ética esportiva, do respeito entre colegas, controlador das pulsações. Na virada do século, o futebol já ganhava espaço nas classes médias, que adoravam a prática do futebol como um meio de extravasar as suas energias. Essa visão disciplinar do futebol foi a mesma que se plantou em solo brasileiro e seguiu sendo até a Primeira Guerra. Com a guerra, mais uma vez, as tendências nascidas na Europa atravessaram o mar e se instalaram no Brasil. A novidade, desta vez, era o culto nacional ao futebol, a transformação do futebol num rito de integração nacional. Assim, o futebol entrava em um caminho sem volta. Nascia o futebol espetáculo e com ele o esporte como um lazer de massas.⁴⁷

⁴⁶. DESPORTO. *A Republica*, Natal, 28 ago. 1923.

⁴⁷. CORBIN, Alain. Le destin contrasté du football. In: _____. *L'avènement des loisirs:1850-1960* ; Sobre o caso brasileiro ver: MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

Em Natal, a articulação dos clubes, que se deu na década de 1920, já indiciava uma mudança de comportamento dos esportistas. O crescente número de competições, a busca por melhorias estruturais das sedes e campos dava aos clubes um ar profissional, status que só definiu os clubes de Natal, de fato, em meados dos anos de 1930. E seria justamente na década de 1920 que veríamos surgir uma nova relação da cidade com os esportes. Despontavam as primeiras ações do esporte de massa em Natal.



Torcida do ABC recepcionando o time na Rua Tavares de Lyra.⁴⁸

O crescente envolvimento das torcidas nas competições de remo e, especialmente, nas partidas de futebol, era uma das notáveis mudanças na década de 1920. Assistir aos jogos que antes era uma simples diversão de fim de tarde começou a ganhar proporções cada vez mais sérias, a começar pelo envolvimento do torcedor com o seu clube. As torcidas, que a princípio eram constituídas pelos sócios dos clubes e seus familiares, expandiram-se, envolvendo pessoas não associadas.

⁴⁸. A BRILHANTE victoria. *Cigarra*, Natal, ano 2, n. 4, p. 57, ago. 1929. il.

Os clubes, com suas bandeiras, hinos e dizeres, inebriavam as torcidas com um sentimento de pertencimento, de modo que se construía uma identificação do torcedor com a sua associação esportiva preferida. Esse sentimento de pertencimento, que se irradiava pelos habitantes da cidade, era o responsável pela formação de uma identidade coletiva que ia além da partida de futebol, ou da disputa de remo. Muitas vezes, o sentimento de pertencimento do clube estava atrelado a uma identidade espacial. Torcer pelo time do Alecrim era, também, torcer pelo representante do bairro do Alecrim. Desta mesma maneira, quando um time norte-riograndense jogava com um time de fora, ele estava disputando não apenas em honra de sua camisa, ele jogava, também, em defesa do Estado.

Outro indício de um despontar da profissionalização do esporte estaria na mercantilização do esporte. Enquanto as partidas de futebol agregavam cada vez mais torcedores, alguns comerciantes, e os próprios clubes, enxergavam aí uma oportunidade de ganhar dinheiro. Essa visão comercial do esporte foi explorada pelo proprietário da *Casa dos Reis*, ao anunciar a chegada de novas camisas listradas, nas cores preto e branco, aos torcedores e atletas do *ABC* e *Centro Náutico Potengy*.⁴⁹ A cobrança de entrada nos jogos de futebol era uma nova maneira de complementar a renda do clube, que passava a não depender apenas das mensalidades dos sócios. A comercialização dos ingressos não beneficiava apenas os clubes: anunciar a venda de entradas em estabelecimentos comerciais seria atrair clientes em potencial para as lojas. Assim, alguns proprietários de lojas e cafés, já nos anos de 1920, visualizavam a potencialidade comercial escondida por trás de uma partida de futebol. Foi a proposta do sr. Anaximandro, um comerciante, dono do café *Cova*

⁴⁹. ANNUNCIOS. *A Republica*, Natal, 25 out. 1916.

da Onça, localizado na Avenida Tavares de Lyra, que anunciava no jornal, em 1927, a venda de ingressos esportivos.⁵⁰

Já sabemos que as práticas modernas implicam em espaços específicos. As práticas esportivas não fogem a essa regra. No caso do futebol, sua prática dependia do campo, das marcações, das arquibancadas, do juiz, dos jogadores e da bola. Sem utilizar-se de nenhum desses recursos, uma outra prática surgia, sustentada pelos resultados obtidos nos campos de futebol: tratava-se de um novo hábito dos cidadãos, o falar de futebol. Essas conversas futebolísticas davam-se em torno da praça do bar ou nos ambientes privados. Um exemplo de como se davam esses momentos de descontração foi dado pelo cronista Paudessú Ricla. Numa quinta-feira, após assistir à partida de futebol no Tyrol, Paudessú seguiu com um amigo para um café, a fim de refrescar-se com uma laranja. Muito atento ao movimento dos fregueses, nosso cronista observava: “pela sala havia mais rapazes e meninos, soldados recém-sorteados, que também discutiam e fallavam animadamente, descrevendo uma peripecia, elogiando um jogador, criticando acerbadamente um outro.”⁵¹

De diversas maneiras a paixão pelo esporte era revelada pela torcida. O proprietário do *Café ABC*⁵², que se localizava na travessa Ulisses Caldas, muito possivelmente escolheu o nome do seu estabelecimento em homenagem ao seu clube favorito. Outros torcedores demonstravam o seu favoritismo nas arquibancadas, ou quem sabe, em fervorosas conversas de bar. O que não era admissível ou aceitável, para grande parte das elites natalenses, era o favoritismo do torcedor transpor os limites impostos pelas regras de civilidade. Essa falta por parte de alguns torcedores foi tema de um artigo esportivo,

⁵⁰. A REPUBLICA, Natal, 15 nov. 1927.

⁵¹. PARTIDA de football. *A Republica*, Natal, 11 jul. 1918.

⁵². SOLICITADAS. *A Republica*, Natal, 4 jan. 1924.

publicado pelo jornal *A Republica*, em 1918. Ao cobrir o jogo do *Centro Sportivo Natalense X América Football Club*, pela disputa do campeonato da cidade, o redator observou atentamente o comportamento da torcida. Indignado com o que viu, compartilhava com os leitores sua frustração com parte da torcida e pedia providências:

Temos notado por vezes nos jogos realizados no field do Tyrol serias inconveniencias por parte de alguns espectadores que não sabem manter a devida compostura, fazendo alfazar improprias de lugares frequentados por familias. Muito exaltados chegam ao extremo de vaiar os jogadores e fazer observações inconvenientes que não lhes competem, além de incommo⁵³darem os assistentes.

Extravasar a paixão pelo time não poderia ser feito ao bel prazer do torcedor. As normas de conduta nos espaços públicos deveriam ser mantidas. Pelo menos era esse o discurso defendido pela elite letrada. Mas, ao que parece, era difícil controlar os impulsos da paixão, que atacavam a racionalidade de alguns torcedores fazendo-os ‘retroceder’, ou quem sabe libertarem-se das ‘presilhas’ impostas pelas normas da moral e dos bons costumes. A torcida não era a única a perder o ímpeto de civilidade, como nos mostra o cronista: “os *players* no calor da lucta ou por falta de ‘educação’ sportiva se exaltam demais em dados momentos, desrespeitando as regras do foot ball para atacarem uns aos outros.”⁵⁴ A falta de compostura, portanto, também era sentida em campo. A agressividade de alguns jogadores, a não obediência das regras, contrariava os valores esportivos da união, civilidade e saúde.

O empenho em formar cidadãos fortes e sãos teve apoio da intelectualidade local e, conseqüentemente, do governo, com especial destaque ao governo de Juvenal Lamartine (1928-1930). No curto período em que administrou o Rio Grande do Norte, Juvenal

⁵³. FOOT ball. *A Republica*, Natal, 14 out. 1918.

⁵⁴. FOOT ball. *A Republica*, Natal, 14 out. 1918.

Lamartine investiu dinheiro público em vários projetos voltados para a prática esportiva. Três das suas grandes obras refletiram, direta ou indiretamente, no movimento esportivo natalense. Indiretamente, a construção da Avenida Atlântica, na praia de Areia Preta, facilitou ainda mais a ida à praia e a prática dos esportes náuticos. Já a construção do *Aero-Club* afetou diretamente os esportistas amadores, que se associaram a esse novo clube, beneficiados com uma nova quadra de tênis, piscina e salões de dança. Mas nenhuma dessas obras teve o impacto esportivo do *Stadium Juvenal Lamartine*, inaugurado em 1929, onde funcionava o campo da *Liga de Desporto Terrestre*, no bairro do Tyrol.

O estádio esportivo seria a consagração da vida esportiva no estado. Esse prédio monumental que se erguia na cidade seria mais um símbolo do avanço da cidade rumo à civilidade. Seria, também, a prova do empenho governamental de promover a cultura esportiva entre os jovens. Essa parece ser a opinião do colunista de esportes da *Republica*, ao mencionar que o: “stadium marcará incontestavelmente, uma expressão magnífica do nosso progresso e, sobretudo o nosso devotamento á cultura desportiva da mocidade de nossa terra.”⁵⁵

A devoção à saúde e ao movimento esportivo são marcas indeléveis da vida cidadina no aflorar do século XX. Mas nem todas práticas que envolvessem força física e tonificação muscular eram legítimas: algumas práticas esportivas, e algumas trapaças, pouco esportivas, entravam em contradição com as noções de civilidade adotadas pelos membros das elites natalenses.

⁵⁵. DESPORTO, *A Republica*, Natal, 2 ago. 1928.

Anti-esportismo

Num mundo em que a imagem despertava fascínio, o cinema era entretenimento para todos. Idéias avançaram pelos continentes através das películas exibidas nas salas de cinema. Em Natal, muitos ocupavam as cadeiras do *Cinema Royal*, na Cidade Alta, ou do *Politheama*, na Ribeira, em busca de distração. Foi justamente numa ida ao *Cinema Royal*, no ano de 1921, que a poetisa Palmyra Wanderley conheceu o então já comentado boxe.

A exibição cinematográfica da luta americana foi esperada, não apenas por Palmyra, mas também por muitos outros curiosos, que tiveram que pagar alguns tostões a mais no ingresso, que sofreu, em virtude desta exibição, um reajuste de 20%, passando a custar 1\$500 em vez dos habituais 1\$200. A alta procura do público indicava uma curiosidade das pessoas para com as novas práticas esportivas. As reações ao novo esporte, no entanto, não foram positivas. Chocada com as cenas de violência do filme, a poetisa Palmyra Wanderley decidiu tomar o boxe como tema da sua coluna feminina do jornal *A Republica*. A opinião de Palmyra não difere da maioria dos natalenses instruídos que pensavam que:

o corpo precisa ser adestrado, educado, desenvolvido, porque isso importa a sua beleza, a sua força, a sua saúde, a sua inteligência, a sua moral. mas não sera de um sport como o box que açulando sentimentos inferiores avilta, degrada o homem, que a deve esperar a resurreição e aperfeiçoamento das raças. Não é violencia, o rancor, a grosseria, que corrigem os homens.⁵⁶

Em sua reflexão sobre a moral do esporte, não haveria lugar para o boxe, já que a agressividade e a violência, que eram características essenciais desse esporte, eram combatidas por muitos intelectuais e esportistas contemporâneos. Atacado pelas elites locais, o boxe foi considerado, na Natal dos anos de 1920, um esporte bárbaro, agressivo,

⁵⁶. WANDERLEY, Palmyra. Sutileza feminina. *A Republica*, Natal, 13 nov. 1921.

não correspondendo aos valores de civilidade defendidos com fervor pelos homens instruídos.

O esporte moderno molda o corpo, melhorando-o, aperfeiçoando as formas, fortificando-o, dotando-o de beleza. A beleza alcançada pelo trabalho dos músculos, na leitura dos esportistas, era mais do que beleza física. Era uma beleza moral, construída pelo trabalho em equipe, pela disciplina e pela boa vontade, motivo pelo qual, na opinião de intelectuais natalenses, o boxe não poderia ser visto como um esporte. Em matéria sobre o vencedor mundial de boxe, o colunista da republica escreveu “O box é o mais violento e, por isso mesmo o mais antipathico dos sports. Nem sei mesmo si mereça tal classificação.”⁵⁷

A beleza, nesse sentido, seria uma virtude, uma qualidade construída pela perseverança e dedicação. A transformação dos corpos, proporcionada pelos exercícios, foi tema de mais um discurso proclamado pelo grande entusiasta dos esportes, o tenente Leite Ribeiro. Em sua fala, ele exaltou as transformações sofridas pelos primeiros moços natalenses que se dedicaram à prática do remo e da natação, antes “adolescentes rachiticos, enfezados, amarelos e doentios, que hoje os admiram cheios de vida, de saude, fortes, alegres decididos.” E segue, afirmando os benefícios que o esporte havia trazido a esses jovens, como o afastamento dos vícios, já que com o esporte “os moços que hontem se entregavam á otras diversões unicamente perniciosas e que contemplam hoje, safisfeitos, ao espelho, o peito saliente, os biceps endurecidos e musculosos.”

⁵⁷. NOTAS sportivas. *A Republica*, Natal, 21 set. 1923.



Banhistas em areia Preta e atletas do Centro Náutico Potengy

Esculpir músculos, colecionar virtudes, superar limites: o esporte moldava não apenas os corpos, mas as mentes da juventude. Ser um esportista passou a ser um predicado fundamental dos jovens citadinos. Eram os mais musculosos, os mais ágeis que se destacavam nas festas esportivas, nos banhos de mar. Eram eles os alvos dos olhares apaixonados das moças nos bailes do *Natal-Club* e do *Aero-Club*. Alguns moços, decerto mais preguiçosos, tentavam conseguir o status de *sportman* trilhando um caminho mais curto. Esses moços possuíam a incrível habilidade de aumentar de manequim em poucos minutos. A idéia era simples: em vez de inflar o músculo com esforço físico, o faziam através dos alfaiates, que costuravam os falsos músculos nas suas roupas de baixo. Daí serem esses moços conhecidos como ‘almofadinhas’. A trapaça poderia até funcionar com as moças nos bailes do *Natal-Club*, mas era severamente condenada pelos verdadeiros incentivadores do esporte.⁵⁸

⁵⁸. DEGENERADOS. *A Republica*, Natal, 15 maio 1920.

Fosse através dos árduos exercícios, ou por via das funcionais almofadas, o que se desejava era construir para si a imagem do esportista. Os sacrifícios dos atletas e as artimanhas dos almofadinhas traduzem um desejo que dominava a todos na cidade: saúde, força, habilidade e velocidade. Nas principais cidades do mundo, refletindo-se também em Natal, os esportes alteraram e renovaram as formas de lazer e sociabilidades no meio urbano.